



## REPRESENTAÇÕES MENTAIS: O PENSAMENTO NARRATIVO E O PENSAMENTO PARADIGMÁTICO INTEGRADOS

Ana Teresa Contier<sup>\*</sup>  
Universidade de São Paulo – USP  
[contier@lsi.usp.br](mailto:contier@lsi.usp.br)

Marcio Lobo Netto<sup>\*\*</sup>  
Universidade de São Paulo – USP  
[lobonett@lsi.usp.br](mailto:lobonett@lsi.usp.br)

**RESUMO:** artigo procura entender como o homem formula seus pensamentos, e, com eles, age no mundo. Não nos cabe esgotar tal assunto e sim, discuti-lo e apresentar um modelo de como este processo possivelmente ocorre. Para tanto fizemos uma releitura dos modos de pensamento estudados pelo psicólogo Jerome Bruner na década de 80: pensamento narrativo e paradigmático. O autor defende que estes dois tipos de pensamento atuam de forma independente, porém, nós defendemos que eles estão inter-relacionados. Entendemos por pensamento narrativo a narrativa criada pelo homem, baseada em sua memória e na sua interação com demais e pensamento paradigmático como as proposições derivadas da história narrada. O ser humano em contato com a sociedade, cultura e sua própria vivência cria suas narrativas que espelham narrativas coletivas e delas depreendem uma série de proposições.

**ABSTRACT:** this work seeks an understanding of how man formulates his thoughts, and how he acts on the world based on them. It is not our proposal to exhaust this subject, but to discuss it and present a model of how this process may possibly occur. For these purposes we make a new reading of the thinking modes formulated by the psychologist Jerome Bruner, in the 1980's: narrative thinking and paradigmatic thinking. For the author these kinds of thinking are opposite, but we argue that they are actually related. This paper defends that they are related. Narrative thinking can be understood as a narrative created by man, based on his memory and his interaction with others; and paradigmatic thinking is a set of propositions derived from the narrated history. Each man, influenced by his interaction with society, culture and his experiences creates narratives, which mirror the collective narratives and generate a set of propositions.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pensamento narrativo – Pensamento paradigmático – Sociedade

**KEYWORDS:** Narrative thinking – Paradigmatic thinking – Society

---

\* Graduada em Letras pela Universidade de São Paulo (2000) e em Publicidade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2002). Atualmente é mestranda da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

\*\* Graduado em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo (1985), mestre em Engenharia Eletrônica – Sistemas Eletrônicos pela Escola Politécnica da Usp (1990) e doutor em Informática pela Technische Universität Darmstadt (1996). Atualmente é Professor doutor da Universidade de São Paulo.

O ser humano dotado de linguagem e pensamento age no mundo e cria internamente seu(s) mundo(s) interno(s). A interação homem/ mundo, ou melhor, mundo externo/ mundo interno é dialética e dinâmica. Partindo do pressuposto que o homem pensa, portanto, interage ao seu redor, será analisada uma provável estratégia usada por ele para criar esta relação: pensamento narrativo e paradigmático. Antes de entrar no debate em si dos conceitos, é bom esclarecer o escopo. Ao se falar em mundo interno, entenda mundo mental, o que é formulado na mente humana e mundo externo, tudo que os sentidos possam perceber, tudo que seja extracorpóreo. Primeiramente, devemos nos perguntar o que é o pensamento. É uma questão muito complexa e hoje não temos uma resposta conclusiva, porém, muitas especulações a respeito. Das várias definições feitas, duas são bem claras. Para Jung, “[...] o pensamento é uma função psicológica racional que estabelece relações de ordem comportamental entre conteúdos representativos, através da utilização de categorias de verdadeiro ou falso, ou como certo ou errado”.<sup>1</sup> Outra definição que pode ser complementar a esta é de Jolivet: “[...] pensamento é a capacidade que tem o ser humano de conhecer em que consistem as coisas e as relações que elas têm entre si”.<sup>2</sup> Tomando por base estes dois conceitos, temos um terceiro que norteia nosso trabalho: pensar é relacionar dados, organizá-los em categorias e inferir deles regras.

Pode-se perguntar se o pensamento é realizado por palavras, sons, imagens visuais etc. Este artigo toma por base os estudos da fala humana realizados por Vygotsky e Luria<sup>3</sup> para responder esta pergunta. Os pesquisadores mostram como a fala serve para resolver problemas e como ela é externalização de uma fala interna. Eles fizeram experiências e observaram que a criança, ao se esforçar para resolver os problemas, fala. Esta fala concomitante com a ação ocorre espontaneamente, quase sem interrupção até o final da atividade proposta. Ela se torna mais persistente à medida que as dificuldades aumentam. Assim os estudiosos argumentam que é necessário e natural à criança falar enquanto resolve um problema, não apenas para contar o que está fazendo, mas, principalmente, porque está externando seu pensamento (sua fala interna). Desta forma, a fala serve para criar uma ponte entre o mundo interno e o mundo externo

---

<sup>1</sup> JUNG, Carl Gustav. **Tipos Psicológicos**. Buenos Aires: ed. Sudamericana, 1947, p. 542.

<sup>2</sup> JOLIVET, Régis. **Curso de Filosofia**. Edição Brasileira. Editora Agir. Rio de Janeiro, 1972, p. 43.

<sup>3</sup> VYGOTSKY, Lev S.; LURIA, Alexander. Tool and Symbol in Child Development. In: VEER, René van der; VALSINER, Jaan. (Orgs.). **The Vygotsky Reader**. Cambridge, Blackwell, 1994.

da criança e mais, por meio da fala ela organiza e cria representações do mundo e consegue manipular diversos conceitos por meio da fala.

Sendo assim, a definição de pensamento usada neste artigo é: texto “mental” que relaciona signos e os organiza para depois inferir uma série de regras. Esta definição acarreta certas conseqüências, pois sendo a base do pensamento, a palavra, podemos trazer contribuições do campo da lingüística para entendermos seu funcionamento.

Conforme Bakhtin:

[...] palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível da relação social.<sup>4</sup>

Se a palavra é base do pensamento lingüístico, podemos afirmar que o pensamento constrói discursos e reflete discursos construídos como um texto impresso.

A linguagem é mediadora entre o homem e o mundo, através dela o ser humano se comunica e interage com sua sociedade, ou seja, ela é a base necessária para o pensamento humano, a base que liga os membros de uma mesma comunidade lingüística. Brandão<sup>5</sup> afirma que a linguagem não é neutra, ela é um suporte para representações ideológicas.

Segundo Schaff, o conhecimento é o produto do pensamento e “[...] a linguagem constitui, de algum modo, uma prática condensada que, aproveitando essa via como a mais sugestiva e a mais fácil, penetra no nosso conhecimento atual”.<sup>6</sup> Assim, o homem para conhecer sua realidade usa a linguagem, entretanto, como a linguagem é resultado de uma prática social, em que a ideologia se faz presente, o pensamento humano não é único, singular, ele é resultado do contato com o outro. Daí resulta um conceito fundamental, a subjetividade.

Ao falarmos em sujeito, devemos nos esquecer do conceito romântico de subjetividade em que há um único EU. A análise do discurso nos demonstra que isso é uma utopia, porque o EU surge exatamente da relação com o OUTRO e isso se dá dentro de um contexto social e de uma forma dinâmica. Orlandi assim coloca:

---

<sup>4</sup> BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITE/ANNABLUME, 2002, p. 36.

<sup>5</sup> BRANDÃO, Helena. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Ed. Unicamp, 2000.

A noção de discurso não comporta a idéia de linearidade presente nos esquemas primeiros da comunicação (emissor, receptor, código, referente e mensagem). Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa seqüência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque.<sup>7</sup>

Dissemos no começo deste artigo que a relação mundo interno/ mundo externo é dinâmica e inseparável. Para simplificar, o mundo interno seria sinônimo de mental e o externo, tudo que for extracorpóreo. O pensamento pertenceria ao mundo interno e a sociedade e cultura ao externo. Se entendermos o pensamento como um texto e, portanto, um discurso, o que foi estudado até agora na Análise do Discurso pode servir de referência para estudarmos o pensamento humano. Vimos como o EU na verdade está impregnado pelo OUTRO e como aquele surge da relação, da interação social, porém, vamos averiguar com mais calma duas classificações feitas pelo psicólogo Jerome Bruner.<sup>8</sup> Para ele há dois tipos de pensamento, o narrativo e o paradigmático (lógico-científico), que são complementares, porém, não estão relacionados. Este artigo defende que estes dois tipos estão relacionados, são dois tipos de discursos e um pode alimentar o outro.

### **Pensamento narrativo e paradigmático conforme Bruner**

Jerome Bruner, psicólogo da Universidade de Nova York, não chega a uma definição clara do que seja o pensamento, entretanto, ele explica, por uma série de exemplos, que há dois tipos de pensamento: o narrativo e o paradigmático. No capítulo do livro **Realidade mental: mundos possíveis** – “Dois Modos de Pensamento”, Bruner aponta as distinções entre o modo de pensar narrativo e o lógico-científico (paradigmático). O autor defende a tese de que esses dois modos de funcionamento cognitivo constroem realidades, ordenando a experiência cada um da sua forma. Apesar disso, ambos discursos seriam complementares entre si, sem que um se reduza ao outro. O pensamento lógico-científico, que Bruner chama de paradigmático, se associa ao discurso teórico e ao logos, ou seja, são utilizados argumentos para estabelecer “o ideal de um sistema formal e matemático de descrição e explicação”. Para isso, um cientista

<sup>6</sup> SCHAFF, Adam. **Relação cognitiva o processo do conhecimento a verdade**. In: \_\_\_\_\_. **História e Verdade**. Tradução de Maria Paula Duarte. São Paulo: Martins Fontes, 1978, p. 90.

<sup>7</sup> ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999, p. 21.

ou filósofo procura criar categorias ou conceitos, relacionando-os uns com os outros até formar um sistema geral baseado em hipóteses fundamentadas, isto é, que podem ser demonstradas como verdadeiras. Por sua vez, a narrativa, mítica ou literária, aborda a maneira pela qual as intenções humanas se comportam nas mais diversas situações. Nesse sentido, as histórias, que são criadas, traçam relatos de ações humanas em circunstâncias de experiência localizadas num tempo e espaço definidos, enquanto o discurso teórico tenta ir além dos fatos particulares, visando formulações de princípios gerais e abstratos.

As realidades narrativizadas, eu suspeito, são demasiadamente onipresentes, sua construção é demasiadamente habitual ou automática para ser acessível à fácil inspeção. Vivemos em um mar de histórias, e como os peixes que (de acordo com o provérbio) são os últimos a enxergar a água, temos nossas próprias dificuldades em compreender o que significa nadar em histórias. Não que não tenhamos competência em criar nossos relatos narrativos da realidade – longe disso-, somos, isso sim, demasiadamente versados. Nosso problema, ao contrário, é atingir uma consciência do que fazemos facilmente de forma tão automática, o antigo problema da prise de conscience.<sup>9</sup>

Para Bruner<sup>10</sup> estes dois tipos de pensamentos funcionam de forma diferente no ordenamento da experiência pessoal do indivíduo e na construção da realidade. Para ele, os dois são complementares, porém, irredutíveis como fora explicado anteriormente. Este artigo aborda a relação existente entre o pensamento narrativo e o proposicional e como o primeiro pode desencadear o segundo. Abaixo, o resumo das principais características de cada um:

Cada uma das maneiras de conhecimento tem princípios operativos próprios e seus próprios critérios de boa formação. [...] ambos podem ser usados como meio de convencer o outro. Não obstante, do que eles convencem é fundamentalmente diferente: os argumentos convencem alguém de sua veracidade, as histórias de sua semelhança com a vida. O primeiro comprova através de um possível apelo a procedimentos para estabelecer provas formais e empíricas. O outro estabelece não a verdade, mas a verossimilhança.<sup>11</sup>

Desta forma, pensamento paradigmático está relacionado a:

- a) Busca a verdade universal;

---

<sup>8</sup> BRUNER, Jerome. **Realidade mental, mundos possíveis**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médica, 2002.

<sup>9</sup> Id. A interpretação narrativa da realidade. In: \_\_\_\_\_. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 140.

<sup>10</sup> Id., 2002, op. cit.

<sup>11</sup> Ibid., p. 12.

- b) Convencimento do interlocutor fornecendo provas empíricas;
- c) Causalidade (se x, então y);
- d) Formação de proposições;
- e) Preenchimento de um ideal de um sistema formal e matemático de descrição e explicação. Empregando a categorização ou a conceituação;
- f) Consistência;

Já o pensamento narrativo estaria na outra ponta, com as seguintes características:

- a) Busca a verossimilhança:

Podemos dizer que Bruner entende verossimilhança tal qual Aristóteles:

[...] é evidente que não compete ao poeta narrar exatamente o que aconteceu; mas sim o que poderia ter acontecido, o possível, segundo a verossimilhança ou a necessidade.<sup>12</sup>

- b) Apresenta condições prováveis entre dois eventos;
- c) Transgride a consistência podendo ser contraditório;
- d) Busca a abstração, transcende o particular;
- e) Existência de gatilho para mudança de um plano para o outro.

Bruner, ao discorrer sobre a importância que a narrativa adquiriu numa sociedade regida cada vez mais pela forma de se contar um acontecimento do que pelo acontecimento em si, afirma:

Na última metade de nosso século (XX), o drama tornou-se epistemológico, preso não apenas “por aquilo que acontece”, mas pelo enigma de como, em um mundo turbulento, passamos a conhecer ou a construir nossas realidades.<sup>13</sup>

Bruner<sup>14</sup> enfatiza que a narrativa é um dos meios pelos quais é possível desenvolver o pensamento metacognitivo.<sup>15</sup> Para ele é por meio das histórias que o

<sup>12</sup> ARISTÓTELES. **Arte poética**. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 43.

<sup>13</sup> BRUNER, Jerome. A interpretação narrativa da realidade. In: \_\_\_\_\_. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 136.

<sup>14</sup> Cf. *ibid.*, p. 141.

<sup>15</sup> No artigo de Célia Ribeiro (RIBEIRO, Célia. Metacognition: a support to the learning process. **Psicol. Reflex. Crit**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, 2003. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-22003000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-22003000100011&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 03 dez 2006.) há uma análise do que significa a palavra metacognição. Para autora não há um consenso entre os estudiosos, de maneira geral, ela resume: “a metacognição diz respeito, entre outras coisas, ao conhecimento do próprio conhecimento, à avaliação, à regulação e à organização dos próprios processos cognitivos. De acordo com Weinert (1987), as metacognições podem ser consideradas cognições de segunda ordem: pensamentos sobre pensamentos, conhecimentos sobre

indivíduo se conhece e conhece o outro, sendo assim, as escolas deveriam adotar a narrativa como ferramenta para o ensino das mais diversas disciplinas. Ele mesmo descreve como seu interesse pela ciência fora despertado por um professor de seu colégio ao narrar experiências científicas ao invés de usar somente fórmulas. Portanto, a narrativa adquire um papel fundamental na constituição do indivíduo e do ser social. Porém, o papel da narrativa como estruturadora da forma de pensar não se deve apenas ao fato de que contamos e/ou ouvimos histórias, mas ao fato de que nos constituímos seres pensantes devido ao desenvolvimento da fala interior que, por sua vez, é decorrente da fala exterior. A perspectiva sócio-histórica da teoria de Vygotsky,<sup>16</sup> no que diz respeito à atividade cognitiva, contempla a visão de que o comportamento humano só pode ser entendido quando se observam os fatores históricos e sociais que o geraram. Bruner concordando com Vygotsky argumenta:

A implicação mais geral é a de que a cultura se encontra em um constante processo de ser recriada à medida que é interpretada e renegociada por seus membros. Neste ponto de vista, a cultura é tanto um fórum para negociação e renegociação de significado e para explicação da ação quanto um conjunto de regras ou especificações para a ação. De fato, toda cultura mantém instituições especializadas ou ocasiões para intensificação dessa característica “semelhante a um foro”. Narração de histórias, teatro, ciência e mesmo jurisprudência são técnicas para a intensificação desta função – maneiras de explorar mundos possíveis a partir do contexto de necessidade imediata.<sup>17</sup>

Este artigo concorda com Bruner em sua maioria, porém, acredita que não só a narrativa possui papel importante para a interação social e construção da cultural, acreditamos que o pensamento paradigmático, quando associado ao pensamento narrativo, também exerce este papel.

### **Pensamento paradigmático derivado do pensamento narrativo: seu papel sócio-cultural**

Usaremos pensamento narrativo como “texto mental” que constrói sua realidade de acordo com o discurso narrativo, ou seja, este possui as características descritas por Bruner e Aristóteles. E pensamento paradigmático, o “texto mental” que constrói a realidade de acordo com o discurso científico, este com as características

---

conhecimentos, reflexões sobre ações”. Não cabe entrarmos nesta discussão, entendemos metacognição como o ato de pensar sobre o próprio pensamento.

<sup>16</sup> VYGOTSKY, Lev. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

<sup>17</sup> BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, p.129.

descritas por Bruner, e tendo como base de seu funcionamento as proposições. Como já foi dito, a relação mundo externo / mundo interno não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo a termo, isto é, não passa diretamente de um a outro. Não há uma seqüência em que primeiro entra a informação, depois há a decodificação, os fenômenos são quase simultâneos. Então, a representação interna do mundo é um sistema aberto, não só recebe as informações externas, como as filtra e as devolve reconstruídas. Este processo é norteado pelo pensamento, que organiza estas informações em discursos, principalmente de dois tipos: narrativo e paradigmático. Podemos resumir o processo da seguinte forma: a memória guarda não só a vivência particular do indivíduo, mas também valores da sociedade na qual o sujeito se insere, e os gêneros do discurso. Schaff (1978) deixa isto claro na citação a seguir, onde o sujeito está inserido em um contexto histórico e disto se conclui que sua atitude está ligada aos conceitos adquiridos a partir da convivência em sociedade.

Estes fatores são nomeadamente: a estrutura do aparelho perceptivo do sujeito, a língua com a qual este pensa e que o dota de um aparelho conceitual determinando uma articulação e uma percepção determinadas da realidade, e os interesses de classe ou de grupo que decidem conjuntamente a escolha pelo indivíduo do seu sistema de valores, etc.<sup>18</sup>

A estrutura do pensamento narrativo está de acordo com os gêneros do discurso internalizados. Bruner diz que:

[...] impossível distinguir de maneira bem definida o que é um modo narrativo de pensamento e o que é um “[...] texto” ou discurso narrativo. Cada um deles dá forma ao outro, do mesmo modo que o pensamento torna-se inextricável da linguagem que o expressa e que acaba moldando-o [...]. Já que nossa experiência no mundo natural tende a imitar as categorias de nossa ciência conhecida, nossa experiência dos assuntos humanos passa a assumir a forma das narrativas que utilizamos ao contá-los.<sup>19</sup>

Bruner está de acordo com o estudo Bakhtin que afirma que o homem ao longo da vida domina vários gêneros e estes são usados nas diversas esferas de nossa vida social, como uma espécie de pré-condição para que nossa capacidade de comunicação verbal:

---

<sup>18</sup> SCHAFF, Adam. **Relação cognitiva o processo do conhecimento a verdade**. In: \_\_\_\_\_. **História e Verdade**. São Paulo, Martins Fontes, 1978, p. 90.

<sup>19</sup> Cf. BRUNER, Jerome. A interpretação narrativa da realidade. In: \_\_\_\_\_. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 129.

Esses gêneros do discurso nos são dados quase como nos é dada a língua materna que dominamos com facilidade antes mesmo que lhe estudemos a gramática. A língua materna – a composição de léxico e sua estrutura gramatical –, não a aprendemos nos dicionários e nas gramáticas, nós a adquirimos mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam.<sup>20</sup>

O homem é um ser que interage com seu meio. As informações externas são captadas por seus sentidos e reorganizadas em sua mente. Esta “realidade” capturada não é ingênua, como já foi explicado anteriormente. O homem está inserido em uma teia sócio-cultural da qual ele não pode se ver desprendido. Estas redes de conceitos são geradas, armazenadas na memória e desempenham papel no desenvolvimento de uma cultura. Para facilitar nossa análise, vamos buscar exemplos de como o homem relaciona o pensamento narrativo ao paradigmático em seu cotidiano.

O homem vive o cotidiano e age sobre ele. Heller<sup>21</sup> afirma que esta ação é fragmentada, já que o ser humano não dá conta da totalidade de acontecimentos ao seu redor; há um recorte do que lhe é apresentado. O próprio cotidiano, em sua temporalidade rotineira, impõe aos homens a necessidade de reações imediatas. Estas reações rápidas acabam gerando ultrageneralizações, que funcionam como um recurso operacional-prático. A formação de juízos provisórios é necessária para atender às demandas da vida social cotidiana, mas podem cristalizar-se em preconceitos, ultrageneralizações negativas, podendo resultar desse processo a alienação dos sujeitos. As características do comportamento cotidiano, seja: espontaneidade, pragmatismo, economia, julgamentos provisórios baseados em precedentes, analogias, imitações, são os elementos, segundo Heller que tornam a vida cotidiana a esfera da realidade. Pode-se afirmar que temos os estereótipos e em seu extremo o preconceito. Para Kosik “A vida cotidiana é antes de tudo organização, dia-a-dia, da vida individual dos homens; a repetição de suas ações vitais é fixada na repetição de cada dia, na distribuição do tempo em cada dia”.<sup>22</sup>

O estereótipo pode nos servir como ferramenta de análise. Tomando o cotidiano como descrito acima, imaginemos a seguinte situação: um novo vizinho se muda para seu prédio. Você observa que ele tem tatuagens e carrega uma guitarra.

<sup>20</sup> BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 301.

<sup>21</sup> HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

<sup>22</sup> KOSIK. **Dialética do Concreto**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p. 69.

Automaticamente, seu cérebro aciona sua memória que busca situações parecidas em que haja uma pessoa com tais características. Histórias internas são acionadas, histórias pertencentes a diversos gêneros. Você pode relacionar a sua adolescência e criar uma história saudosista ou associar o rock a uma história cheia de referências às drogas e delinquência. O resultado deste pensamento narrativo é uma proposição, ou seja, um pensamento paradigmático:

-Se for uma história saudosista, provavelmente criará um estereótipo positivo, proposição, o rapaz deve ser “boa gente”.

-Se for uma história com referências negativas, provavelmente criará um estereótipo negativo, a proposição, “ele deve ser drogado”.

“Boa gente” e “ele deve ser drogado” são proposições, conclusões de nossas narrativas internas que pode fazer-nos tomar uma atitude, no caso, se afastar ou não do vizinho. Esta vivência alimentará memória, que será acessada em caso parecido.

Outro exemplo é a imagem do Brasil no exterior. Garcia,<sup>23</sup> em sua tese de doutorado **O IT Verde e Amarelo de Carmen Miranda (1930-1946)**, analisa a trajetória de Carmen do começo de sua carreira até o estrelato em Hollywood. O que nos interessa aqui é percebemos que a cantora passou a representar, no imaginário americano, uma referência da cultura brasileira e os intelectuais da época aprovaram esta imagem porque era uma forma de nos diferenciarmos da cultura norte-americana. Mas não é bem assim, Carmen fez todo esse sucesso por representar o exótico Brasil, país das bananas e possuir todo o glamour das atrizes americanas.

Carmen Miranda, trajada com a idumentária estilizada da baiana, correspondia à imagem exótica que os yankees tinham do povo latino-americano, ao mesmo tempo em que se identificava à estética do entretenimento yankee.<sup>24</sup>

Assim, este exemplo nos mostra como o diálogo foi travado entre os americanos e os brasileiros: para os primeiros Carmen representava o exótico com um tom de glamour, para os segundos, um diferencial entre as duas culturas. Imaginemos que o pensamento narrativo criado por um americano seja uma história de aventura em meio à floresta Amazônica e daí derive a proposição: “Brasil, um país exótico”. E para

---

<sup>23</sup> GARCIA, Tânia. **O It Verde Amarelo de Carmen Miranda (1930-1946)**. 2001. 255 fls. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

<sup>24</sup> Ibid., f. 100.

o brasileiro, uma cantora que representasse o país nos Estados Unidos é personagem de história de sucesso e glamour e disto deriva-se a proposição: “Carmem é uma estrela”.

Outro exemplo é o episódio **Blame it on Lisa**<sup>25</sup> dos Simpsons. Este episódio causou muita polêmica, pois ao retratar o Rio de Janeiro enfatizou a miséria, a violência e a sexualidade exagerada do brasileiro. O enredo é bem simples: Lisa ajuda Ronaldo, um garoto órfão brasileiro, mantendo contato através de carta e telefone. Entretanto, o garoto desaparece e a família decide ir ao Brasil para procurá-lo. Chegando ao Rio de Janeiro, os Simpsons se deparam com beleza natural, música e carnaval brasileiro. Só que nem tudo é alegria, Homer é seqüestrado e levado para Amazônia. Sem dinheiro para o resgate, a família entra em desespero. Sem apoio da polícia, Margie e os filhos andam pelas ruas do Rio de Janeiro e vêem o desfile de Carnaval. Ronaldo desfila em um carro alegórico e avista Lisa. Depois do desfile, ele entrega à Lisa o dinheiro necessário para o resgate de Homer. Este episódio foi muito criticado pelo, então presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso e o Presidente da Riotur, José Eduardo Guinle. Eles alegaram que havia uma distorção da imagem do Brasil, principalmente, nas cenas de seqüestro, da invasão dos macacos no orfanato e da aparência latina dos cariocas. Não é nosso objetivo fazermos a análise do episódio, nem mesmo discutirmos a questão da intervenção do governo brasileiro. Para nós, este episódio serve para demonstrar que a imagem do Brasil desde a época de Carmem Miranda continua a mesma até certo ponto, já que hoje o país é visto como miserável e violento. Desta forma, podemos inferir que há uma supranarrativa que aglomera o

---

<sup>25</sup> Sucesso de público nos Estados Unidos, onde bateu o recorde de desenho animado que há mais tempo é apresentado em horário nobre, **Os Simpsons** foi criado em 1987 pelo cartunista Matt Groening como um quadro de 30 segundos para um programa de televisão. Após um especial de Natal exibido em 1989, o programa conquistou o público americano. A atração é exibida em diversos países e já recebeu 18 prêmios Emmy. Em 2000, quando completou 10 anos no ar, ganhou uma estrela na Calçada da Fama, em Hollywood. **Os Simpsons** é uma série de desenho animado que trata do cotidiano de uma família classe média americana que vive na cidade fictícia de Springfield. A família Simpsons é formada por cinco personagens:

- Homer: pai preguiçoso que adora beber cerveja e comer rosquinha. Ele trabalha como fiscal de uma usina nuclear e não é nem um pouco preocupado com as questões ecológicas que envolvem sua empresa.
- Margie: mãe dedicada à família.
- Maggie: caçula, a bebê que ainda não sabe andar nem falar.
- Lisa: garota de oito anos, muito inteligente, boa aluna, preocupada com o meio ambiente e questões sociais.
- Bart: garoto de dez anos adora andar de skate e falar palavrões. Diferente da irmã, gosta de tirar vantagem em tudo e sempre apronta para conseguir o melhor.

Estes personagens não deixam de ser estereótipos, porém, não cabe aqui analisá-los em profundidade. Falaremos apenas do episódio **Blame it on Lisa** para ilustrar alguns estereótipos que representam o Brasil nos Estados Unidos.

conjunto de narrativas individuais de uma sociedade como a americana e que delas derivam proposições que, no caso, são os estereótipos. E mais, estas narrativas e suas proposições estão em constante reavaliação, como nos mostra o exemplo acima. O Brasil para os americanos continua sendo exótico, porém, devido às informações divulgadas pela mídia sobre seqüestros e violência no país, o país é também um território perigoso. Sendo assim, o pensamento narrativo e suas proposições são dinâmicos e se ajustam no tempo, podendo conservar ou não, fatos anteriores e acrescentar outros.

Exemplos são diversos, o importante é enfatizarmos como o pensamento narrativo e suas proposições é um processo em constante reavaliação, ou seja, dinâmico. Além disso, estes pensamentos conjugados constroem a realidade refletindo a cultura e a sociedade. Sendo assim, é uma forma natural e espontânea de nos conhecer e conhecer outro.

### **Considerações finais**

Este artigo parte da seguinte premissa: pensamento é um texto “mental” que relaciona signos e os organiza para depois inferir uma série de regras. Sendo um texto carrega em si as características de um texto impresso: é ideológico e polifônico. Cria diálogo com a sociedade, a cultura, refletindo-a e interagindo com ela. Possui essencialmente duas formas de expressão: a narrativa e a proposição. De acordo com Bruner, o pensamento narrativo não está relacionado ao pensamento paradigmático, eles são duas instâncias opostas. Nós especulamos que não, de uma narrativa pode derivar uma proposição e esta guiar uma ação do sujeito. Um exemplo didático para tanto é a construção de estereótipos. Basta fazermos um exercício mental para percebemos como estes pensamentos estão relacionados e como sua articulação pode servir de base para criarmos a representação da cultura e da sociedade.